

O voo de Antônio

G.R.G. Silva

A bola subiu. Alta. Estava cansado, mas saltei com todas as minhas forças e cabeceei. Mudei sua direção e assisti o rapaz sob as traves voar e segurá-la com as duas mãos. Comemorei, era pênalti. Talvez você não saiba, não goste de futebol, mas há um único jogador em cada time de futebol que pode pegar a bola com as mãos, o goleiro. E no momento de desespero, quando a bola estava prestes a passar sob as traves, quando seria marcado ao fim da partida o derradeiro gol, aquele menino não quis saber se não era goleiro. Voou como um pássaro, esticou os braços e impediu o gol.

Faltava exatamente um ano para o grande campeonato de 2014, quando jogadores de todas as nações estariam disputando o maior troféu do futebol, e por isso nosso bairro organizou também um campeonato onde todos os meninos poderiam entrar no espírito da competição. No momento exato em que espalmou aquela bola, Antônio, um garoto que estava no time apenas porque um dos meninos do time adversário tinha adoecido, talvez imbuído desse desejado “espírito competitivo”, usou aquele que seria seu provável último segundo como titular de forma heróica: impediu o gol e por isso seria expulso pelo juiz. E caso eu perdesse o pênalti... Ah, nesse caso Antônio seria praticamente um mártir!

Que gesto, que entrega. E quem dera se essa entrega não fosse pela salvação do time, do jogador, da camisa, do jogo e sim por ele mesmo. Se cada futebolista de fim-de-semana dedicasse essa garra, essa disposição, à educação de si mesmo, ou quem sabe à educação de uma única pessoa. Imagino essa concentração e esforço dedicados à considerar (repare que não digo pensar, apenas considerar) entre candidatos à prefeituras e governos qual será realmente o mais benéfico, aquele que procurará administrar sem corrupção, que aperfeiçoará nosso transporte público ou providenciará ao menos dignidade no atendimento em hospitais

públicos. Eu não era próximo daquele rapaz o suficiente para saber se aquele jogo para ele era de fato a única coisa que importava, se tinha coragem para colocar as mãos na bola, impedir o gol do adversário e por isso ser expulso do jogo da vida.

Cruzei com ele a caminho da marca de pênalti, enquanto o sério Antônio caminhava para fora do campo, sob o vermelho do cartão que lhe expulsou da partida. E vi em seus olhos outro sentimento, a esperança. Pousei a bola na marca de cal e vi o goleiro adversário se benzendo. Não é justo, pensei. Todos os garotos que estavam em campo ainda não tinham completado seus 18 anos, mas sabíamos sim o que podia ou não ser feito, conhecíamos as regras do jogo! Foi a partir dessa confusão de pensamentos que decidi fazer daquela esfera meu instrumento de justiça. Eu marcaria aquele pênalti e aquela violação às regras seria punida, junto com a atitude de colocar acima de tudo o jogo. Mas ao correr na direção da bola, cabeça erguida, detive a corrida por um instante no que todos acreditaram ser a famosa “paradinha”.

Aconteceu uma coisa estranha, que mal consigo explicar. Não sei se os braços do goleiro adversário tinham esticado para além das traves ou se a própria meta encolhera a ponto de esconder-se atrás dos braços do menino que a defendia. Pareceu-me que tudo estava perdido, e a pequena justiça que se faria, junto com minhas esperanças de chegar em casa com uma medalha, tinha se transformado em uma missão impossível. Resolvi então fechar os olhos e bater o pênalti no centro do gol, um tiro no escuro, um risco, uma loucura.

O jogo não é a vida, e ele deve ser jogado. Naquele dia eu joguei, Antônio jogou e a bola seguiu seu destino, caprichosa, para mostrar que independente do resultado, a vida é outra coisa, ela é o além-jogo, com milhares de nuances que não podemos entrever. Quem sabe algum tipo de quebra cabeças para alguns, mas ela com certeza é mais perfeita que uma bola e emociona mais que um ou mil gols.

Perdemos.